



Cinema, ciência e preconceito em tempos de epidemia: uma leitura com enfoque CTS do filme *And the Band Played On*

Thaís Mendes Rocha

Universidade Estadual de
Maringá

Thalia Mendes Rocha

Universidade Estadual de
Maringá

PROA

doi: 10.20396/proa.v16i00.20945



dossiê

Dessa forma, o cinema não apenas reflete os imaginários sociais sobre epidemias, mas contribui ativamente para sua construção, mediando a percepção pública da ciência e das tecnologias de saúde. Como afirma Haraway (2023), a tecnociência é inseparável das narrativas culturais que a produzem e a legitimam. Ao trazer para a tela questões de ordem biomédica, política e cultural, o cinema reafirma a necessidade de uma Educação CTS que valorize a compreensão da ciência como prática social, carregada de contradições e implicações éticas, sendo, portanto, espaço de reflexão e de formação cidadã crítica (Bybee, 2013).

Análise fílmica de *And the Band Played On* (1993):
narrativa, estética e construção social da epidemia

A análise fílmica de *And the Band Played On* (1993) exige, inicialmente, a compreensão de sua condição histórica, estética e política enquanto obra audiovisual produzida para a televisão norte-americana pela HBO, em um contexto ainda marcado pelo impacto social e simbólico da epidemia de AIDS. Baseado no livro homônimo de Randy Shilts, jornalista e ativista que acompanhou de perto os primeiros anos da crise sanitária, o filme assume deliberadamente um caráter militante, ao denunciar a negligência governamental, os conflitos no interior da comunidade científica e o estigma direcionado a corpos dissidentes, especialmente homossexuais. Essa inserção histórica confere à obra uma dimensão que ultrapassa o entretenimento, posicionando-a como um artefato cultural que participa da disputa de sentidos sobre ciência, doença, moralidade e responsabilidade social no final do século XX, aspecto central para uma leitura articulada entre estudos cinematográficos e Educação CTS.

No interior dessa proposta, o recorte analítico concentra-se na cena em que o coreógrafo interpretado por Richard Gere observa, pela janela, a passagem da vida cotidiana enquanto enfrenta o diagnóstico de AIDS (Figura 1). Trata-se de uma sequência emblemática, não apenas por sua carga dramática, mas por condensar, em poucos minutos, o argumento central do filme. A escolha do enquadramento em primeiro plano e a recorrência do olhar dirigido ao exterior constroem uma tensão entre o espaço íntimo do adoecimento e o espaço público que segue seu curso aparentemente indiferente.

A metáfora que atravessa a obra — “a banda continua a tocar” — materializa-se visualmente nessa cena: mesmo diante da morte iminente e do sofrimento de indivíduos e grupos marginalizados, a ordem social permanece em funcionamento, naturalizando a exclusão e o silêncio. A janela opera, assim, como um dispositivo simbólico que separa o

Do ponto de vista estético e narrativo, a cena articula iluminação, atuação e composição sonora para produzir empatia e desconforto. A luz que incide sobre o rosto do personagem enfatiza sua fragilidade física e emocional, enquanto o exterior aparece mais iluminado e dinâmico, reforçando o contraste entre vida e morte, visibilidade e invisibilidade. A ausência de diálogos extensos desloca o peso narrativo para o gesto, o silêncio e o olhar, elementos caros aos estudos de cinema, que permitem compreender como o filme constrói sentidos para além do enredo explícito. Simbolicamente, o corpo do coreógrafo sintetiza o lugar social reservado às vítimas da AIDS naquele momento histórico: corpos vigiados, culpabilizados e, paradoxalmente, apagados do debate público. Ao mobilizar essa cena como núcleo da análise, o filme evidencia que a epidemia não é apenas um fenômeno biomédico, mas uma construção social atravessada por valores, preconceitos e disputas de poder, o que reforça sua potência como objeto de análise na interface entre cinema, ciência e sociedade.

A narrativa de *And the Band Played On* (1993) evidencia que a emergência da epidemia de AIDS foi atravessada por intensas disputas científicas, políticas e midiáticas, revelando o caráter sociotécnico da produção do conhecimento científico. O conflito entre pesquisadores norte-americanos e franceses pela identificação do HIV é apresentado pelo filme

não apenas como uma divergência metodológica, mas como uma corrida simbólica pela legitimidade científica, na qual se entrelaçam interesses nacionais, econômicos e institucionais. Essa dinâmica torna-se particularmente visível na cena representada na Figura 2, ambientada em laboratórios que, embora semelhantes do ponto de vista técnico, são filmados de maneira a enfatizar a oposição entre dois polos de poder científico em disputa.



Figura 2 – Disputa científica entre pesquisadores norte-americanos e franceses pela identificação do HIV nos laboratórios no filme *And the Band Played On* (1993). Fonte: IMDB (2025).

Do ponto de vista estético-narrativo, a cena constrói essa rivalidade por meio de enquadramentos fechados, ritmo acelerado de montagem e diálogos marcados por tensão, reforçando a ideia de urgência e competição. Os cientistas são apresentados como figuras centrais, cujos gestos, olhares e posturas corporais expressam não apenas o empenho na investigação biomédica, mas também vaidades, desconfianças e estratégias de afirmação de autoridade. O laboratório, tradicionalmente associado à neutralidade e ao rigor científico, aparece no filme como um espaço de conflito, no qual a produção de evidências se articula diretamente à busca por reconhecimento, prestígio internacional e controle sobre patentes e recursos financeiros. Dessa forma, a imagem não ilustra apenas um momento da pesquisa científica, mas materializa visualmente a transformação da ciência em arena geopolítica, na qual Estados Unidos e França disputam posições de centralidade no campo científico global.

Ao representar cinematograficamente esse embate, o filme desmonta a noção de uma ciência desinteressada e objetiva, expondo-a como prática social situada e atravessada por relações de poder. Tal leitura dialoga diretamente com Latour (2012), ao afirmar que

Esse episódio explicita as contradições entre o avanço tecnocientífico e sua aplicação prática, demonstrando como decisões tomadas em esferas políticas e econômicas impactam diretamente a vida humana. Como observa Jasanoff (2006), as práticas científicas e tecnológicas estão inevitavelmente envolvidas em “ordens sociotécnicas” que determinam quais riscos são toleráveis e quais grupos sociais são mais expostos a tais riscos. No caso da AIDS, a negligência em relação à testagem dos bancos de sangue produziu não apenas consequências biomédicas, mas também sociais e jurídicas de grande magnitude, perpetuando desigualdades e alimentando o estigma em torno da doença recém-descoberta.

A recepção crítica de *And the Band Played On* também evidencia que o filme foi compreendido, nos anos 1990, como uma obra profundamente vinculada às tensões políticas e científicas da epidemia de AIDS. Críticos especializados destacaram que a produção extrapolava o formato de drama biográfico ao denunciar a lentidão governamental, os conflitos entre instituições científicas e o preconceito direcionado às populações afetadas pela doença. Ao analisar o filme, Maslin (1993), no jornal *The New York Times*, enfatizou que a narrativa evidenciava a mistura de arrogância burocrática, negligência política e competição científica que marcou os primeiros anos da epidemia, apontando que o longa transformava uma crise sanitária em reflexão pública sobre responsabilidade social e ética científica.

De maneira semelhante, Kellner (1995) argumenta que produções audiovisuais sobre epidemias e crises sociais funcionam como artefatos culturais capazes de revelar disputas ideológicas em torno da ciência, da mídia e da autoridade política, especialmente em contextos marcados por medo coletivo e estigmatização social. Nesse sentido, a recepção do filme pela crítica especializada demonstra que *And the Band Played On* foi compreendido não apenas como uma representação histórica da AIDS, mas também como uma obra que contribuiu para o debate público sobre os limites éticos da tecnociência e sobre os modos pelos quais determinados grupos sociais foram silenciados durante a crise sanitária.

O paralelo com a pandemia da Covid-19 torna-se inevitável: novamente, verificou-se a negligência inicial na cobertura jornalística, a difusão de desinformação, a polarização política em torno de medidas de saúde e a circulação massiva de *fake news* nas redes digitais. Assim como na crise da AIDS, a mídia atuou tanto como vetor de conscientização quanto de desinformação, evidenciando que a comunicação científica é um campo de disputa permeado por relações de poder. Ao refletir criticamente sobre esses processos, o cinema oferece um espaço formativo privilegiado, convocando educadores e estudantes a analisar como as narrativas midiáticas impactam a saúde coletiva e a percepção social da ciência.

Sob a ótica da Educação CTS, esses três eixos (disputas científicas, bancos de sangue e mídia) se articulam em um mesmo movimento: o de problematizar a tecnociência em sua complexidade, desmontando visões de neutralidade e linearidade. O filme *And the Band Played On* mostra que ciência, política e sociedade se entrelaçam em contextos de crise, e que compreender tais interações é fundamental para formar uma cidadania crítica, capaz de questionar a quem a ciência serve, com quais valores é produzida e quais vidas são consideradas dignas de cuidado.

Arte, corpo e preconceito: a AIDS como crítica social

Para além das disputas científicas e políticas, *And the Band Played On* (1993) explicita as dimensões sociais, morais e culturais que marcaram a epidemia de AIDS. A doença foi, desde o início, associada a populações historicamente marginalizadas, em especial homens *gays*, usuários de drogas injetáveis, trabalhadoras sexuais e imigrantes haitianos, o que contribuiu para que a homofobia e o moralismo sexual se tornassem eixos centrais na condução da crise sanitária. O filme revela, com contundência, como o preconceito institucional e social retardou medidas preventivas, silenciou comunidades inteiras e alimentou ainda mais o estigma em torno dos corpos adoecidos já marginalizados. A negligência

postas científicas e governamentais. A forma como o filme enquadra e ilumina esses corpos, ora invisibilizados, ora expostos à espetacularização, traduz o que Foucault (2020) denominou de “biopolítica”: o controle da vida e da morte a partir de mecanismos de saber-poder que definem quais vidas importam e quais podem ser descartadas. O cinema, ao dar visibilidade a esses corpos, reverte esse processo de silenciamento, transformando a imagem em um ato político de resistência e memória.

Desse modo, *And the Band Played On* (1993) não apenas representa o sofrimento, mas reconfigura o olhar sobre ele, convidando o espectador a reconhecer o corpo como território de dignidade e reivindicação. Essa leitura permite pensar a formação científica de modo mais sensível e crítico, capaz de integrar razão e empatia, técnica e ética, ciência e humanidade. O corpo, então, torna-se metáfora e matéria da própria reflexão educacional: um espaço de enunciação em que a ciência deve ser compreendida não como instância distante, mas como prática que atravessa, afeta e é afetada pelas vidas que pretende cuidar.

Ao articular ciência biomédica, política e preconceito, *And the Band Played On* (1993) constrói uma crítica social potente, evidenciando que a epidemia de AIDS não pode ser compreendida apenas como um evento biológico, mas como um fenômeno sociotécnico complexo, em que os limites da vida, da dignidade e dos direitos humanos estão em constante negociação. O filme traz à tona como o avanço científico, quando dissociado de valores éticos e da responsabilidade social, pode reforçar mecanismos de exclusão e silenciamento. Assim, as descobertas biomédicas aparecem atravessadas por interesses políticos, morais e econômicos, demonstrando que a tecnociência opera dentro de uma teia de valores e escolhas humanas nunca em um terreno neutro.

Esse olhar é fundamental porque desloca a compreensão da ciência de uma prática puramente cognitiva para uma prática cultural, política e ética que também reflete os valores de sua época. Tal abordagem propõe que o conhecimento científico seja interpretado em diálogo com as condições históricas e sociais que o produzem, interrogando quem define as agendas de pesquisa, quem se beneficia de suas aplicações e quem permanece à margem de seus resultados. Nesse sentido, a crítica fílmica se alinha ao pensamento de Paulo Freire (1996), ao defender uma educação que desnaturalize o mundo, promovendo a consciência crítica e o compromisso com a transformação social.

Além disso, a leitura com enfoque CTS do filme também ressoa com a perspectiva de Haraway (2023) sobre a tecnociência situada, na medida em que o enredo explicita como o saber biomédico é construído a partir de corpos específicos, generificados, racializados e sexualizados e como essas inscrições produzem desigualdades no acesso à saúde e ao

para problematizar corpos atravessados por estigma, desigualdade e marginalização, evidenciando que o cinema é capaz de inscrever no campo da arte marcas de uma história coletiva frequentemente silenciada nos discursos oficiais da ciência e do Estado. Essa função memorial e crítica do cinema torna visível aquilo que foi naturalizado, ocultado ou despolitizado nas narrativas hegemônicas sobre saúde e doença.

Essa perspectiva dialoga diretamente com *And the Band Played On* (1993), particularmente na sequência inicial ambientada na região do rio Ebola, no Zaire, analisada na Figura 3. A imagem do médico Don Francis queimando os corpos das vítimas da febre hemorrágica viral condensa, de forma simbólica e perturbadora, a dimensão biológica e social das crises sanitárias. O gesto de queimar os corpos, filmado em planos abertos e sob iluminação natural, reforça a precariedade das condições locais e a urgência das medidas adotadas, ao mesmo tempo em que evidencia a ausência de políticas estruturais de cuidado e prevenção. A cena produz um forte impacto visual e ético, pois transforma o corpo morto em signo da falência das respostas institucionais e da desigual distribuição global de recursos científicos e tecnológicos.



Figura 3 – O médico Francis queimando as vítimas da epidemia de febre hemorrágica viral na região do rio Ebola, Zaire (atual República Democrática do Congo), em 1976, ilustrando a dimensão biológica e social das crises sanitárias. Fonte: IMDb (2025).

Do ponto de vista narrativo, essa sequência funciona como prólogo e metáfora para toda a trajetória da epidemia de AIDS que se desenrolará posteriormente no filme. Ao estabelecer um paralelo entre a contenção relativamente rápida do Ebola em território africano

namental que reiteraram desigualdades sociais históricas. A vulnerabilidade ao adoecimento continuou a ser definida por marcadores como classe, raça, gênero e território, revelando que a promessa de uma ciência universal ainda esbarra em barreiras estruturais.

Nesse horizonte, obras como *And the Band Played On* (1993) reforçam o potencial da Educação CTS para promover uma compreensão crítica das crises sanitárias. Ao tensionar as interações entre ciência, política e sociedade, o cinema permite problematizar não apenas os limites da tecnociência, mas também o modo como ela pode ser apropriada em prol da justiça social e da valorização da vida. Essa reflexão é essencial para imaginar futuros em que o conhecimento científico não esteja subordinado a interesses hegemônicos, mas orientado pelo compromisso ético com a dignidade humana e com a construção de sociedades mais justas, igualitárias e imparciais.

Considerações finais

A análise do filme *And the Band Played On* (1993) evidencia como o cinema pode se constituir em um recurso privilegiado para a Educação CTS, ao articular dimensões científicas, políticas, éticas e culturais em torno de uma epidemia que marcou profundamente a história recente. A obra demonstra que a ciência não se desenvolve de forma linear ou neutra, mas atravessada por disputas por prestígio e autoridade, tensões econômicas e decisões ético-políticas que impactam diretamente a vida das pessoas. Ao retratar as controvérsias em torno da identificação do HIV, a crise dos bancos de sangue e a omissão governamental, o filme revela o entrelaçamento entre tecnociência, poder e responsabilidade social, ressaltando que os avanços biomédicos, quando desvinculados de uma ética do cuidado, podem reproduzir as desigualdades que pretendem combater.

Ao mesmo tempo, *And the Band Played On* (1993) explicita como preconceitos estruturais, como a homofobia e o moralismo religioso, moldaram a forma como a AIDS foi percebida, enfrentada e narrada socialmente. A representação dos corpos adoecidos fragilizados, mas também resistentes denuncia os limites das fronteiras simbólicas que definem quem é digno de cuidado e quem pode ser descartado. O filme, portanto, transcende a denúncia biomédica e se converte em um testemunho político e afetivo, que convoca o espectador a revisitar o passado para compreender as continuidades de exclusão e negligência que ainda persistem nas crises sanitárias contemporâneas de grande repercussão.

O diálogo com outras produções cinematográficas, como aquelas analisadas por Oliveira (2012) no contexto moçambicano, amplia essa reflexão ao evidenciar que o corpo atravessado pela doença é também corpo político e cultural. Nessas narrativas, o cinema

